

Apelo da Selva

Jack London



Prefácio

Quando *O Chamamento da Selva* foi publicado pela primeira vez, em 1903, poucos poderiam prever a força duradoura da sua voz. Mais do que uma história de aventura recortada contra as paisagens geladas do Klondike, o romance de Jack London constitui uma meditação profunda sobre o instinto, a sobrevivência e a fronteira frágil entre a civilização e as forças indómitas que jazem por baixo dela. No centro da narrativa ergue-se Buck, um cão domesticado lançado de súbito no mundo brutal do Norte. Despojado de conforto e segurança, vê-se obrigado a enfrentar privação, violência e a lei implacável da força. Esta transformação, porém, não é apenas física. London acompanha, com notável clareza e contenção, o despertar de algo antigo dentro de Buck — uma memória mais velha do que qualquer lembrança, um chamamento mais antigo do que a palavra.

O romance desenrola-se em dois planos. À superfície, é uma narrativa arrebatadora de resistência e adaptação no meio da neve, da fome e da rivalidade. Por baixo dessa superfície, porém, corre uma indagação filosófica sobre a própria natureza da existência. Que resta quando a ordem social se dissolve? Que instintos perduram quando a lei e o costume desaparecem? London não idealiza a selva; retrata-a como indiferente, severa e sem piedade. E, contudo, nessa severidade revela uma estranha limpidez — o regresso a verdades essenciais. Escrito num estilo simultaneamente directo e evocador, *O Chamamento da Selva* reflecte as próprias experiências de London no Yukon durante a corrida ao ouro. O seu conhecimento do terreno, do frio e dos códigos ásperos de sobrevivência confere à narrativa uma autenticidade rara. O mundo que descreve não foi imaginado à distância; foi observado, suportado e guardado na memória. Esta edição convida o leitor a redescobrir o clássico de Jack London em toda a sua intensidade — não apenas como aventura do Norte, mas como exploração intemporal do que significa sobreviver, adaptar-se e, em última instância, responder ao chamamento da selva.

Sumário

Capítulo I Na selva primordial.....	7
Capítulo II A lei do cacete e da presa.....	18
Capítulo III A fera primordial dominante	27
Capítulo IV Quem conquistou a supremacia	41
Capítulo V O esforço das correias e da trilha	50
Capítulo VI Pelo amor de um homem	64
Capítulo VII O chamamento da selva.....	78

Capítulo I Na selva primordial

Velhos anseios nómadas saltam, Rangendo contra a cadeia do costume; De novo do seu sono invernal Desperta a estirpe feroz.

Buck não lia jornais; se os lesse, saberia que se preparava uma tormenta, não só para ele, mas para todos os cães das águas costeiras, musculosos e de pelo longo e quente, desde o Puget Sound até San Diego. Porque uns homens, tacteando na escuridão ártica, tinham encontrado um metal amarelo, e porque as companhias de navegação e transportes alardeavam a descoberta, milhares de homens precipitavam-se para o Norte. Esses homens queriam cães, e os cães que queriam eram pesados, de músculos fortes para o trabalho e pelagem espessa que os defendesse do gelo.

Buck vivia numa grande casa do vale de Santa Clara, banhada de sol. Chamava-se a quinta do juiz Miller. Ficava recuada da estrada, meio escondida entre as árvores, através das quais se entrevia a larga varanda fresca que a rodeava por todos os lados. Chegava-se lá por alamedas de saibro que serpenteavam entre relvados amplos e sob os ramos entrelaçados de altos álamos. Nos fundos, tudo era ainda mais vasto do que na frente. Havia grandes cavalariças onde uma dúzia de moços de estrebaria e rapazes faziam serviço, fileiras de casebres cobertos de videira para os criados, um sem-número de construções anexas dispostas com ordem, longos caramanchéis de vinha, pastos verdes, pomares e canteiros de frutos vermelhos. Depois vinha a casa da bomba do poço artesiano e o grande tanque de cimento onde os filhos do juiz tomavam o banho matinal e se refrescavam nas tardes quentes.

Sobre toda esta vasta propriedade reinava Buck. Ali nascera e ali vivera os quatro anos da sua vida. Havia, é verdade, outros cães. Num lugar tão grande não podiam deixar de os haver, mas esses não contavam. Vinham e iam, moravam nos canis cheios ou viviam obscuramente nos recantos da casa, à maneira de Toots, o pug

japonês, ou de Ysabel, a mexicana sem pelo — criaturas estranhas que raramente punham o focinho fora de portas ou tocavam com as patas no chão. Por outro lado, havia os fox-terriers, pelo menos uma vintena, que ladravam promessas terríveis a Toots e Ysabel quando estas espreitavam das janelas, protegidas por uma legião de criadas armadas de vassouras e esfregonas.

Buck, porém, não era cão de casa nem cão de canil. Todo o domínio lhe pertencia. Mergulhava no tanque de banho ou ia à caça com os filhos do juiz; acompanhava Mollie e Alice, as filhas do juiz, em longos passeios ao crepúsculo ou de manhã cedo; nas noites de inverno deitava-se aos pés do juiz diante da lareira rugidora da biblioteca; carregava os netos do juiz às costas ou rolava com eles na erva e vigiava os seus passos nas aventuras selvagens até à fonte do pátio das cavalariças e até mais além, onde ficavam os cercados e os canteiros de bagas. Entre os terriers caminhava com imponência, e a Toots e Ysabel nem olhava, pois era rei — rei de tudo quanto rastejava, se arrastava ou voava na propriedade do juiz Miller, os homens incluídos.

O pai, Elmo, um enorme São Bernardo, fora o companheiro inseparável do juiz, e Buck prometia seguir-lhe as pegadas. Não era tão grande — pesava apenas cento e quarenta libras —, porque a mãe, Shep, fora uma cadela pastor escocesa. Mesmo assim, cento e quarenta libras, acrescidas da dignidade que vem da boa vida e do respeito universal, permitiam-lhe ostentar um porte verdadeiramente régio. Durante os quatro anos desde a infância vivera a existência de um aristocrata saciado; tinha um belo orgulho em si próprio, era até um tanto vaidoso, como por vezes sucede aos fidalgos rurais por causa da sua situação insular. Mas salvava-se de se tornar um mero cão de salão mimado. A caça e os prazeres afins ao ar livre tinham-lhe impedido o engordar e endurecido os músculos; e para ele, como para as raças que se banham em água fria, o amor à água fora tônico e preservador da saúde.

Tal era o cão Buck no outono de 1897, quando a febre do Klondike arrastou homens de todo o mundo para o Norte gelado. Mas Buck

não lia jornais e ignorava que Manuel, um dos ajudantes do jardineiro, era uma má companhia. Manuel tinha um vício dominante: adorava jogar a lotaria chinesa. E no jogo tinha uma fraqueza fatal — a fé num sistema; o que tornava a sua perdição certa. Porque jogar com sistema exige dinheiro, e o salário de ajudante de jardineiro não chega para sustentar mulher e numerosa prole.

O juiz encontrava-se numa reunião da Associação dos Produtores de Passas e os rapazes ocupados a organizar um clube desportivo na noite memorável da traição de Manuel. Ninguém o viu partir com Buck pelo pomar, num passeio que Buck julgou inocente. E, salvo um homem solitário, ninguém os viu chegar à pequena estação de bandeira chamada College Park. Esse homem falou com Manuel e tilintou dinheiro entre eles.

— Era melhor embrulhares a mercadoria antes de a entregares — disse o desconhecido com voz rouca. Manuel passou uma corda grossa à volta do pescoço de Buck, por baixo da coleira.

— Dá-lhe um puxão e sufoca-o à vontade — respondeu Manuel. O outro grunhiu em concordância.

Buck aceitara a corda com tranquila dignidade. Era, sem dúvida, coisa invulgar; mas aprendera a confiar nos homens que conhecia e a atribuir-lhes uma sabedoria superior à sua. Quando, porém, as pontas da corda passaram para as mãos do desconhecido, rosnou ameaçador. Limitara-se a manifestar o seu desagrado, convencido, no seu orgulho, de que manifestar era mandar. Mas, para sua surpresa, a corda apertou-se-lhe ao pescoço, cortando-lhe o ar. Num acesso de fúria saltou sobre o homem, que o recebeu a meio caminho, agarrou-o pela garganta e, com um movimento hábil, atirou-o de costas ao chão. A corda voltou a apertar sem piedade, enquanto Buck se debatia furioso, a língua de fora, o peito largo ofegante em vão. Nunca na vida fora tratado com tal vileza, nunca sentira tanta raiva. Mas as forças abandonaram-no, os olhos

turvaram-se-lhe e nada mais soube quando o comboio parou e os dois homens o atiraram para o vagão das bagagens.

Quando voltou a si, sentiu vagamente que a língua lhe doía e que era sacudido numa espécie qualquer de transporte. O rouco apito da locomotiva ao passar um cruzamento disse-lhe onde estava. Viajara demasiadas vezes com o juiz para não reconhecer a sensação de ir num vagão de bagagens. Abriu os olhos e neles brilhou a cólera indomável de um rei raptado. O homem saltou-lhe à garganta, mas Buck foi mais rápido. As mandíbulas fecharam-se-lhe na mão e não a largaram enquanto os sentidos não lhe foram de novo sufocados.

— Tem ataques — disse o homem, escondendo a mão dilacerada do chefe de estação, atraído pelos ruídos da luta. — Levo-o para São Francisco, para o patrão. Um veterinário de lá acha que o pode curar.

Quanto à viagem daquela noite, o homem falou por si próprio com grande eloquência, num barracão atrás de um saloon no cais de São Francisco.

— Só me dão cinquenta — resmungou —, e não o faria outra vez nem por mil em dinheiro vivo.

Tinha a mão envolta num lenço ensanguentado e a perna direita das calças rasgada do joelho ao tornozelo.

— Quanto deu o outro? — perguntou o dono do saloon.

— Cem — foi a resposta. — Não aceitou menos nem um sou, juro.

— Faz cento e cinquenta — calculou o dono do saloon. — E valemos, ou eu sou um palerma.

O raptor desfez as ligaduras ensanguentadas e olhou para a mão lacerada.

— Se não apanhar hidrofobia...